



“BAILADO DE CABOCLA”: DANÇA, NATUREZA E IDENTIDADE

"BAILADO DE CABOCLA": DANCE, NATURE AND IDENTITY

*Kaio dos Santos Machado**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

ORCID: 0009-0006-5413-9149

*Autor correspondente (e-mail: kaiosantosmachado@gmail.com)

RESUMO

“Bailado de Cabocla” é uma celebração da cultura brasileira que entrelaça música, dança e audiovisual para destacar a resistência, a espiritualidade e a conexão das caboclas com a natureza. Criada e interpretada por mulheres ligadas à vida comunitária e à ancestralidade, a produção ressignifica o papel da cabocla como arquétipo de força e identidade cultural. A resenha explora as dimensões sociológicas, artísticas e culturais do videoclipe, com base nas teorias de Maria Lúcia Bueno, Walter Benjamin, Néstor García Canclini e Daniel Ferreira de Toledo, abordando a relação entre tradição e modernidade, a conexão entre território e identidade, e o hibridismo cultural.

Palavras-chave:

Cabocla; Cultura; Identidade; Ancestralidade; Espiritualidade.

ABSTRACT

“Bailado de Cabocla” is a celebration of Brazilian culture that intertwines music, dance, and audiovisual elements to highlight resistance, spirituality, and the caboclas connection with nature. Created and performed by women engaged in community life and ancestry, the production redefines the role of the cabocla as an archetype of strength and cultural identity. This review explores the sociological, artistic, and cultural dimensions of the music video, drawing on the theories of Maria Lúcia Bueno, Walter Benjamin, Néstor García Canclini, and Daniel Ferreira de Toledo. It examines the relationship between tradition and modernity, the connection between territory and identity, and cultural hybridity.

Keywords:

Cabocla; Culture; Identity; Ancestry; Spirituality.

Figura 1: Caboclas dançando ao redor do fogo



Fonte: Instagram @suindaraoficial, 2023

“Bailado de Cabocla” é uma obra que celebra e preserva a riqueza cultural brasileira, articulando tradição e modernidade em uma produção que integra letra, música e videoclipe. Por meio de uma narrativa visual e sonora profundamente simbólica, a obra destaca o papel da cabocla como figura central de resistência, espiritualidade e conexão com a natureza, aflorando como um potente manifesto de conexão com a terra, celebração do feminino e resgate da ancestralidade. Criada e interpretada por mulheres profundamente ligadas à espiritualidade e à vida comunitária na vila de Patrimônio da Penha, no interior do Espírito Santo, a produção se constrói como uma ode à força interior e coletiva das caboclas, que carregam em seus corpos e histórias as marcas de suas raízes e vivências. Neste texto, exploro a complexidade de “Bailado de Cabocla” sob a luz de teorias de Maria Lúcia Bueno, Walter Benjamin, Néstor García Canclini e Daniel Ferreira de Toledo, abordando suas dimensões sociológicas, artísticas e culturais.

A cabocla, figura central da obra, representa mais do que uma identidade histórica ou social: é um arquétipo que transcende gerações e geografias, unindo raízes indígenas, africanas e europeias em uma única figura simbólica. Em sua multiplicidade de significados, o termo atravessa descendências, corpos e relações com o meio ambiente, simbolizando a intersecção entre tradições ancestrais e vivências contemporâneas. Essa multiplicidade é capturada tanto na letra da canção quanto no videoclipe, que apresenta personagens como Keretxu, uma guardiã de saberes guaranis, e Cida, agricultora que vive da terra. Cada uma dessas figuras representa aspectos diferentes da conexão com a natureza e da resistência cultural. Como observa Maria Lúcia Bueno, a sociologia da arte nos permite compreender como produções culturais refletem e transformam identidades, funcionando como veículos de memória que resistem às forças homogeneizadoras da modernidade (Bueno et al., 2017). Nesse sentido, o videoclipe atua como uma ponte entre o passado e o presente, preservando histórias individuais e, simultaneamente, reforçando a coletividade do feminino. No videoclipe, é possível vermos a celebração da cabocla em diferentes aspectos de sua existência, a partir de um elenco inteiramente formado por mulheres reais e conectadas a diferentes dimensões do feminino. Cada cabocla apresentada no vídeo traz consigo uma história única que dialoga com a terra, a cultura e a espiritualidade; juntas, incorporam histórias individuais que formam um mosaico da resistência feminina e da conexão com o ambiente. Além da música, claro, que a

todo instante, com letra e refrão reiterativos e um ritmo envolvente, funciona quase como um convite ritualístico para a dança e a reflexão sobre a força cultural das caboclas.

A letra da canção, com seu verso repetitivo “Vem, vem, vem, cabocla, vem bailar comigo”, carrega uma força ritualística que transcende o plano físico, pois reverbera como um chamado ritualístico e evoca a união e a dança como formas de resistência e transmutação – a dança, essa, que nesse contexto assume o papel de um rito de passagem e transformação espiritual. Walter Benjamin, em sua reflexão sobre a reprodutibilidade técnica, argumenta que a reprodução amplia o alcance das obras de arte, mas também transforma sua percepção, podendo diluir sua “aura” original (Benjamin, 1978). No caso de “Bailado de Cabocla”, o videoclipe, enquanto meio digital, amplifica o alcance das histórias e tradições representadas, levando-as a públicos que, de outro modo, poderiam não ter contato com essa expressão cultural, e amplia, assim, a visibilidade da cultura cabocla, conectando-a a públicos diversos, tanto urbanos quanto globais. No entanto, essa democratização não se traduz em uma superficialização das tradições representadas, pelo contrário, o cuidado em destacar elementos profundamente enraizados na vivência das caboclas – as paisagens naturais, os figurinos e os rituais – reforça a autenticidade da narrativa. As cenas, ambientadas em Patrimônio da Penha e permeadas pela espiritualidade da região, mantêm viva a essência das histórias e tradições, reforçando o vínculo entre cultura e território.

A conexão entre o território e as caboclas é fundamental. As montanhas do Caparaó e os espaços da vila não são apenas cenários, mas elementos constitutivos da narrativa. Daniel Ferreira de Toledo explica que o conceito de site specificity destaca como o espaço físico pode atuar enquanto um agente ativo na arte pública (Toledo, 2008). Em “Bailado de Cabocla”, a interação entre as personagens e o ambiente natural reforça a relação visceral entre a cultura e o território, transformando o videoclipe em uma celebração da espiritualidade que emana da terra. A fogueira, a cachoeira e a dança circular, por exemplo, são símbolos que estabelecem essa conexão entre o coletivo e o sagrado e que aparecem por diversas vezes durante a montagem das cenas: quando somos apresentados à imagem de Saluah, a curandeira que se dedica à cura das enfermidades e à manutenção da saúde integral através de ervas, xaropes, rezos, incensos e banhos naturais, entendemos ainda melhor, e de uma forma mais direta, como tais interações entre nós e a natureza ocorrem. Na letra, o eu lírico, ao se dirigir à cabocla, reconhece nela uma guia que dissipa medos, renova esperanças, promove a cura e orienta os passos na escuridão, por meio da sua conexão com o ambiente e a ancestralidade. Esse diálogo entre o eu lírico e a cabocla é permeado por imagens de perseverança e metamorfose, como na passagem “Me guia o meu pensamento / É a dança solene da transmutação”. A metáfora da dança conectada ao universo e à natureza, como promoção de uma força vital e libertadora, permeia toda a obra, reforçando a centralidade da cabocla como arquétipo de cura e renascimento.

A escolha de um elenco diverso, formado por caboclas reais de diferentes idades, culturas, espiritualidades e vivências, confere à obra uma singularidade que transcende a representação convencional. Keretxu, experiente guardiã de saberes ancestrais dos povos guaranis, encarna a conexão profunda com as tradições indígenas e o respeito pela floresta. Sua presença no videoclipe reforça a espiritualidade que permeia a canção, acompanhada de seu charuto com a fumaça que exala simbolizando purificação e proteção, elementos fundamentais nas práticas culturais de sua comunidade. Ao lado dela, as Suindara Aline, Relva e Laíssa, compositoras e intérpretes da música, personificam a criatividade, a força da união comunitária, a inovação e a conexão com o feminino em suas múltiplas dimensões. A multiplicidade de representações dialoga diretamente com o conceito de hibridismo cultural,

explorado por Néstor García Canclini. O autor argumenta que as culturas híbridas emergem do encontro entre o local e o global, a tradição e a modernidade (Canclini, 1997). Em “Bailado de Cabocla”, esse hibridismo é expresso tanto nos aspectos visuais – como os figurinos artesanais em tons naturais que remetem à simplicidade da vida rural, as danças circulares que evocam rituais ancestrais e o uso de técnicas audiovisuais contemporâneas – quanto na música, que mescla ritmos tradicionais com uma estética moderna. Esse diálogo dinâmico entre tradição e inovação reforça a relevância das manifestações culturais locais em um mundo cada vez mais globalizado, ao mesmo tempo em que provoca reflexões sobre os limites e os encontros entre arte popular e erudita.

Por fim, “Bailado de Cabocla” é uma celebração visual que transita entre a realidade e o imaginário. A abertura, que apresenta a mata em contraste com o céu e a lua, prepara o espectador para uma experiência que é, ao mesmo tempo, terrena e transcendente. A presença constante da natureza, seja nos detalhes das árvores, seja no som da água da cachoeira, seja nas rezas e rituais ao redor dos elementos, posiciona a obra como um tributo ao meio ambiente e à espiritualidade que dele emana – as cenas das caboclas dançando ao redor da fogueira são carregadas de simbolismo: o fogo, como elemento transformador, é um catalisador da conexão entre as mulheres e seus ancestrais. Os instrumentos musicais, em sua rusticidade, dialogam com a atmosfera do vídeo, enquanto as performances corporais das caboclas traduzem, em movimentos, a energia que a canção carrega. A dança, aqui, não é apenas uma expressão artística, mas uma manifestação ritualística de comunhão e transcendência. A obra ainda consegue lançar luz sobre a descolonização do corpo e do imaginário feminino ao incluir a figura da parteira Joana, acompanhada por sua filha Lilás que, juntas, simbolizam a continuidade da vida e o poder do feminino na criação. Sua dança com a filha reforça a ligação entre gerações e a perpetuação de uma identidade coletiva, além de exemplificar a continuidade das tradições entre gerações e o papel central do feminino na perpetuação dos saberes. A maternidade, a conexão com a terra e o respeito pelas origens nascem como contrapontos à lógica da modernidade industrializada, e tal valorização dos saberes ancestrais é, em si, um ato de resistência e celebração.

Em síntese, “Bailado de Cabocla” é, sem dúvidas, uma obra multifacetada que celebra a identidade cultural brasileira enquanto desafia as convenções do que entendemos por arte popular. Ao dialogar com teorias de Bueno, Benjamin, Canclini e Toledo, podemos perceber como a obra transcende a simples estética para se tornar um manifesto cultural que conecta tradição, modernidade e território. A cabocla, com sua força simbólica, emerge como protagonista em uma narrativa que resiste às forças homogeneizadoras da globalização, reafirmando a singularidade e a riqueza da cultura brasileira, lembrando-nos da importância de preservar e valorizar expressões culturais locais e reconhecendo seu papel como resistência e celebração em um mundo cada vez mais interconectado. No ato final do videoclipe, as caboclas, ao desaparecerem na cachoeira, deixam como legado a imagem de uma conexão que transcende o físico, sugerindo que a força da cabocla está presente em cada um que se permite ouvir e dançar ao som de sua própria essência. “Bailado de Cabocla” não é apenas um produto cultural; é uma experiência que conecta públicos diversos a uma tradição viva e nos convida a repensar nossa relação com a natureza, com nossas raízes e com o feminino.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. [s.l.: s.n.], 1978.

BUENO, Maria Lucia *et al.* Sociologia da Arte: notas sobre a construção de uma disciplina. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, [s. l.], v. 6, n. 12, 2018.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

GARCIA, Mari. Instagram, 2023. **Caboclas dançando ao redor do fogo**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cz9yPbcLwpO/>>. Acesso em: 2 dez. 2024.

SUINDARA. Bailado de Cabocla (Clipe Oficial). **Youtube**, 13 dez. 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/OX0uuAKtwHI>>. Acesso em: 2 dez. 2024.

_____. Bailado de Cabocla. **Deezer**, 18 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.deezer.com/br/album/299069472>>. Acesso em: 2 dez. 2024

TOLEDO, Daniel Ferreira de. A produção social da arte pública: participação ampliada e site specificity. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1/2, p. 33-50, jan./dez. 2008.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 25/03/2025
Aprovado em: 02/04/2025